



<https://doi.org/10.47456/simbitica.v12i2.47297>

## **Beyoncé e representatividade: análise de artigos científicos que pautam questões de raça, gênero e outros marcadores sociais**

*Beyoncé and representativeness: analysis of scientific articles on race, gender and other social markers*

*Beyoncé y la representatividad: análisis de artículos científicos sobre raza, género y otros marcadores sociales*

**Leandro da Conceição Borges**

Universidade Federal de Minas Gerais

**Paulo Melgaço da Silva Junior**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

### **Resumo**

A pesquisa tem como objetivo investigar como a artista Beyoncé tem sido estudada em artigos científicos nas áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, considerando gênero, raça e outros marcadores sociais da diferença presentes em sua trajetória de vida e em sua arte. O estudo foi realizado por meio de um levantamento na base de dados multidisciplinar *Scopus*, totalizando a análise de 41 artigos em língua inglesa. Os resultados revelaram que a temática do feminismo é a mais recorrente, com 11 dos artigos recuperados, e que a maioria das autorias são de mulheres, o que levanta questões sobre a presença feminina na academia. Por fim, conclui-se que Beyoncé é uma potência musical mundial e um ícone relevante que representa diversos grupos historicamente negligenciados pela sociedade. Sua representatividade amplia discussões e estudos relevantes, com apontamentos que podem ajudar na reflexão sobre pessoas negras, mulheres e LGBTQIA+, entre outros.

**Palavras-chave:** Beyoncé; Representatividade; Marcadores Sociais da Diferença.



**Abstract** The research aims to investigate how the artist Beyoncé has been studied in scientific articles in the Humanities and Applied Social Sciences, considering gender, race and other social markers of difference present in her life trajectory and in her art. The study was carried out through a survey of the multidisciplinary database Scopus, analyzing a total of 41 articles in English. The results revealed that the theme of feminism is the most recurrent, with 11 of the articles retrieved, and that most of the authors are women, which raises questions about the presence of women in academia. Finally, it can be concluded that Beyoncé is a global musical powerhouse and a relevant icon who represents various groups historically neglected by society. Her representativeness broadens relevant discussions and studies, with notes that can help reflect on black people, women and LGBTQIA+, among others.

**Keywords:** Beyoncé; Representativeness; Social Markers of Difference.

**Resumen** La investigación tiene como objetivo investigar cómo la artista Beyoncé ha sido estudiada en artículos científicos de Humanidades y Ciencias Sociales Aplicadas, teniendo en cuenta el género, la raza y otros marcadores sociales de diferencia presentes en su trayectoria vital y en su arte. El estudio se realizó a través de una encuesta en la base de datos multidisciplinar Scopus, analizando un total de 41 artículos en inglés. Los resultados revelaron que el tema del feminismo es el más recurrente, con 11 de los artículos recuperados, y que la mayoría de los autores son mujeres, lo que plantea interrogantes sobre la presencia femenina en el mundo académico. Por último, se puede concluir que Beyoncé es una potencia musical mundial y un icono relevante que representa a diversos grupos históricamente desatendidos por la sociedad. Su representatividad amplía las discusiones y estudios relevantes, con notas que pueden ayudar a reflexionar sobre personas negras, mujeres y LGBTQIA+, entre otros.

**Palabras clave:** Beyoncé; Representatividad; Marcadores Sociales de Diferencia.

*Recebido em 03-01-2025*

*Modificado em 16-02-2025*

*Aceito para publicação em 02-04-2025*

## Introdução

O objetivo da pesquisa é investigar e sintetizar como os artigos científicos abordam a cantora Beyoncé e destacam sua representatividade a partir de diferentes marcadores sociais em sua arte. A escolha por artigos se deu pelo fato de que as pesquisas normalmente são completas e de mais fácil acesso, ainda que estejam disponibilizados em uma base restrita, o que poderia ser difícil de se conseguir em outras tipologias documentais.

Optou-se por estudos internacionais para verificar como o estado da arte sobre Beyoncé está delineado em pesquisas científicas estrangeiras, levando em consideração o seu legado como uma das maiores cantoras da sua geração. Acredita-se que resultados proeminentes poderiam ser encontrados de maneira unificada em uma base de dados internacional, uma vez que a cantora é conhecida globalmente e o retrato do seu sucesso poderia estar refletido em estudos científicos ali depositados.

Para a composição do *corpus* da pesquisa, escolheu-se a base multidisciplinar de acesso restrito *Scopus*. O levantamento dos dados na base foi realizado no mês de março de 2023, via Rede CAFE do Portal Capes, com *proxy* da Universidade Federal de Minas Gerais. Destaca-se que não houve um recorte temporal inicial específico, apenas o ano de 2023 foi excluído da análise por ser vigente durante a pesquisa e por ser provável que outras publicações poderiam ser disponibilizadas e posteriormente não analisadas por este estudo. Os primeiros resultados trazidos pela base datam do ano de 2009.

Nascida em Houston, no estado do Texas, Estados Unidos, Beyoncé Giselle Knowles-Carter é uma cantora, atriz e empresária de sucesso. As definições das carreiras que exerce, atualmente, são múltiplas, podendo incluir também as de dançarina, modelo, produtora e filantropa, cujo impacto tem sido de grande magnitude, sobrepondo os limites de sua arte nos palcos. Destaca-se que a cantora é uma referência para diversos grupos sociais, cuja representatividade está presente em sua obra. Com um público diverso, que vai de jovens a adultos, de homens a mulheres, Beyoncé traz em sua arte e em sua história de vida diversos atravessamentos que serão aqui tratados como marcadores sociais da diferença.

Pelúcio (2011) informa que as discussões sobre marcadores sociais da diferença possuem como ponto de referência o chamado “feminismo da diferença”, cujos primeiros debates surgiram nos Estados Unidos na década de 1980, ao contrapor o feminismo tradicional. Portanto, as vozes ecoadas pelos movimentos sociais fizeram com que “personagens” até então negligenciados pela sociedade pudessem buscar seu lugar social como cidadãos. Logo, o feminismo da diferença enfatiza que “[...] gênero, raça, religião, nacionalidade, sexualidade e geração não são variáveis independentes, mas se enfeixam de maneira que o eixo de diferenciação constitui o outro ao mesmo tempo em que é constituído pelos demais” (Pelúcio, 2011:79).

Nesse sentido, esta pesquisa defende que gênero pode ser entendido como comportamentos, ações e identidade socialmente construídos, relacionados à forma de como o sujeito se torna homem ou mulher. Assim, uma vez que o gênero é uma construção social influenciada pela sociedade e cultura, ele não é determinado apenas pelo sexo biológico (Butler, 2017).

No que diz respeito ao marcador “sexualidade”, entende-se que este engloba várias dimensões da vida humana, nomeadamente identidade, biologia, preferências, aspetos sociais, culturais e históricos (Vargas-Trujillo, 2007). Para Foucault (1988), a sexualidade pode ser visualizada como uma invenção social, composta por múltiplos discursos sobre o sexo que regulam, normatizam e estabelecem verdades. Por fim, Britzman (1996) acredita que nenhuma identidade sexual é automática, autêntica ou facilmente assumida, sendo todas construções instáveis e suscetíveis de transformação. A liberdade sexual de homens e mulheres é uma realidade atualmente, e Beyoncé aborda esta questão com o olhar do feminismo em suas músicas, letras e videocliques.

Por raça, em linhas gerais, entende-se que, desde a colonização ultramarina, a raça branca é a única considerada livre para exercer sua experiência no mundo social, enquanto a raça negra tem sido continuamente estigmatizada desde a tragédia colonial. Aqui cabe a reflexão de que, do ponto de vista biológico, o conceito de raça é fantasioso e foi construído em um contexto colonial, com a finalidade de hierarquizar e subalternizar povos tidos como de raça inferior (Quijano, 2005). Ainda assim, do ponto de vista sociológico, a raça é uma realidade. Segundo Guimarães (2003:96), para a sociologia, raças “são discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências)”.

Já o conceito de religião, segundo Berger (1985), é complexo de se definir, pois diferentes abordagens têm sido propostas para defini-lo, com base em sua história, elementos essenciais e causas. Para Hume (2005), a religião é uma manifestação da natureza humana que pode surgir tanto da contemplação racional do universo quanto de fatores psicológicos, como medo e esperança. Durkheim (1996), por sua vez, argumenta que a religião é um produto histórico e cultural, comparando a vida social e tradicional das sociedades primitivas e modernas. Segundo o autor, a análise explicativa da religião só é possível por meio da perspectiva histórica, pois permite decompor uma instituição em seus elementos constitutivos ao longo do tempo.

Por fim, o termo empoderamento, cunhado por Julian Rappaport, refere-se à aquisição de liberdade para controlar e buscar a autonomia (Berth, 2019). Portanto, o empoderamento pode ser compreendido como um conjunto de ações e posições que questionam ou valorizam as tomadas de decisão. Quando se trata de indivíduos e grupos oprimidos por motivos de classe, casta, etnia e gênero, o empoderamento se inicia quando há o reconhecimento das forças sistêmicas que os oprimem e a adoção de

medidas para mudar essas relações de poder. Todos esses marcadores criam interrelações e atravessamentos presentes na arte da cantora aqui estudada.

Vale ressaltar que a teoria da interseccionalidade surgiu nos Estados Unidos e no Reino Unido durante os debates das lutas feministas negras nas décadas de 1970 e 1980. Crenshaw (2002) conceptualizou a temática como a interação de dois ou mais eixos de subordinação, como racismo, patriarcado, opressão de classe e outras formas de discriminação. Por conseguinte, é possível explicar as desigualdades sociais que afetam as minorias, destacando como as ações e políticas podem gerar opressões, criando um quadro de assimetrias. A teoria também ressalta a importância de entender as relações entre raça, etnia, gênero, faixa etária e classe, e como esses eixos estão interligados, criando uma complexa teia de intersecções (Crenshaw, 2002).

Para aprofundar o debate, o texto está organizado nas seguintes seções: em “Beyoncé: além da arte”, são apresentados alguns elementos sobre a vida da artista, indo além dos palcos. Em “Metodologia”, discorre-se sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a busca dos resultados. Em “Resultados” é feita a análise dos artigos que são discutidos e tematizados os textos levantados. Por fim, em “O *show* não pode acabar”, são apresentadas as considerações finais do artigo, assim como as referências utilizadas.

## **Beyoncé: além da arte**

A artista começou a sua carreira nos anos de 1990, no grupo *Girl's Tyme*, conforme mostrado no videoclipe da música \*\*\**Flawless* (Beyoncé & Adichie, 2013). No videoclipe, o grupo participa de um concurso de talentos televisionado e acaba sendo derrotado. Por meio desse evento e do videoclipe, Beyoncé apresenta ao grande público as suas “derrotas”, algo que faz parte da vida de qualquer um e que serve de combustível para seguir em frente, ensinando importantes lições para o seu crescimento enquanto artista e pessoa.

\*\*\**Flawless* está no seu álbum visual autointitulado “Beyoncé”, lançado de surpresa em 2013 e com um videoclipe para cada canção. Na composição de \*\*\**Flawless*, Beyoncé intercala o empoderamento feminino com um discurso da escritora feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que em tradução livre, há o foco no empoderamento das meninas, desde pequenas, para que sejam bem-sucedidas em todos os aspectos de suas vidas, sem a obrigatoriedade de ter um homem ao seu lado para alcançar tais feitos. Esses aspectos formulados pela bandeira feminista, levantada pela artista na canção, trouxeram questionamentos sobre se ela de fato luta pela causa ou se está se valendo dela para fazer *marketing*.

Pereira (2021) aborda que a cantora, desde 2013, incorpora em suas obras elementos do feminismo em suas produções, gerando alinhamentos com escritoras

influentes como bell hooks. No entanto, Amaral (2016) relembra que em álbuns anteriores, a cantora já abordava o feminismo como uma das suas pautas nas letras de suas músicas, como em *Survivor*, *Independent Woman* e em *Boastylicious*, no grupo *Destiny's Child*. Em linhas gerais, essas duas autoras apresentam uma dualidade de apontamentos que faz com que surjam discussões sobre como Beyoncé conduz o seu legado. Portanto, outras pesquisas científicas tendem a refletir e estudar com profundidade o que de fato pode ser considerado benéfico e representativo em suas músicas, letras e videocliques para as pessoas em geral.

De acordo com Andrade (2020), o conceito de representatividade está relacionado à construção da subjetividade e da identidade de pessoas e dos indivíduos. Este conceito envolve a expressão dos interesses de um grupo por meio de um representante comprometido com suas demandas. Além disso, a representatividade impacta na formação da abstração e da identidade dos indivíduos pertencentes a essa coletividade. Desse modo, segundo essa visão, a presença de mulheres em posição de liderança influencia a subjetividade de outras mulheres, mostrando que elas também podem alcançar tal patamar. A autora ressalta que a representatividade não se limita à organização de grupos que buscam ter seus interesses representados e garantidos, mas também está presente na formação do indivíduo que os compõem. Por conseguinte, a representatividade implica que os interesses e demandas de um grupo social, classe ou público sejam politicamente dispostos. Ela não é algo individual, mas sim coletiva. Nesse sentido, a representatividade de Beyoncé está presente na formação de pessoas que consomem sua arte.

Sobre outras formas de representatividade em suas obras, aludindo ao marcador racial, em uma parte da letra de “*Formation*”, música presente no álbum “*Lemonade*”, em tradução livre, a cantora diz: “*eu gosto do cabelo da minha filha, com o cabelo de bebês afro*”. Essa afirmativa veio após uma enxurrada de críticas à cantora por postar uma foto da sua primogênita, Blue Ivy Carter, no *Instagram* com o cabelo crespo. Muitas das críticas, com teor racista, apontavam que a cantora não penteava o cabelo da criança. Criou-se até uma petição *on-line*<sup>2</sup> para que ela “cuidasse” do cabelo da filha.

Em outra dimensão, mas ainda dentro do contexto racial, o cabelo da cantora sempre foi pauta na mídia especializada e na academia. Rumores apontam que a artista tem um acervo de próteses capilares, também conhecidas como *lace*, avaliada em £500 mil<sup>3</sup>, mas um dos pontos sempre levantados está no fato da mesma ser preta e usualmente utilizar próteses capilares loiras<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Disponível em <https://www.vagalume.com.br/beyonce/formation-traducao.html>. Acesso em: 16 fev. 2025.

<sup>2</sup>Disponível em <https://revistaquem.globo.com/quem-news/noticia/2014/06/peticao-contra-o-cabelo-da-filha-de-beyonce-causa-polemica-na-web.html>. Acesso em: 16 fev. 2025.

<sup>3</sup>Disponível em <http://revistacrescer.globo.com/revista/crescer/0,,emi13781-10496,00-beyonce+tem+colecão+de+perucas+avaliada+em+mais+de+r+milhão.html>. Acesso em: 16 fev. 2025.

<sup>4</sup>Disponível em <https://www.eonline.com/br/news/287042/beyonce-sofre-criticas-ao-aparecer-com-pela-mais-clara-em-campanha-de-seu-novo-album>. Acesso em: 16 fev. 2025.

Pode-se dizer que, nos últimos anos, houve uma redefinição da estética negra, rompendo com os padrões de beleza socialmente impostos. Pessoas negras passaram a abraçar suas características naturais e a ter orgulho de suas singularidades. Entende-se que isso é resultado de uma luta histórica do movimento negro para valorizar e redefinir os traços pretos, antes considerados menos atraentes quando comparados com o padrão estético tido como ideal.

Gomes (2007) descreve que o cabelo de pessoas negras, vistos como “ruins”, é uma expressão do racismo e da desigualdade. Mudá-lo pode representar a busca por autonomia, criatividade e uma forma de expressar a tensão racial vivenciada no corpo negro. Para as pessoas negras, a intervenção no cabelo e no corpo é uma questão identitária, não apenas estética (Gomes, 2007). Ao transpor para a música a sua identidade de raça, reproduzindo características que reafirmam que ela não somente é uma pessoa negra, mas também tem uma filha preta, legitima as lutas de outras mulheres negras que a têm como referência a ser seguida.

Essas discussões podem resultar no colorismo. Silva (2017:3) reflete o seguinte sobre o colorismo: “diferente do racismo, que surgiu como um meio de discriminação, o colorismo surge como uma ferramenta de segregação que exclui aqueles que possuem uma tonalidade de pele mais escura”. Portanto, no mundo do entretenimento, o pai da cantora e seu ex-empresário, Mathew Knowles, afirmou em entrevista que, se a cantora tivesse o tom de pele mais escuro<sup>5</sup>, certamente não teria todo o sucesso e relevância que tem atualmente. Com a afirmativa de Mathew, é possível refletir sobre essa realidade no cotidiano social de pessoas pretas de pele retinta, que são desacreditadas por esse mero detalhe. No entanto, é possível questionar se essa fala do pai da cantora é sexista? O marido dela, que é preto e tem a pele escura, é hoje um dos *rappers* mais ricos e poderosos do mundo, com uma fortuna que chega a US\$ 2,5 bilhões, segundo a Forbes<sup>6</sup>. No *showbiz*, o sucesso só é válido para mulheres negras de tom mais claro? E para os homens, não há essa ressalva?

Prosseguindo a transposição de questões de representatividade em suas obras, na música “*Pretty hurts*”, presente no álbum “Beyoncé”, a artista canta sobre o padrão de beleza tido como ideal e as consequências dessa pressão na vida da mulher<sup>7</sup>. Em outro recorte, no documentário presente na *Netflix* “*Homecoming*” onde é retratado o seu icônico *show* no *Coachella* de 2018, apelidado por muitos como *Beychella*, a cantora registra o sofrimento e as pressões estéticas que ela sofreu depois de ter gerado gêmeos. Na ocasião, as imagens mostram a cantora se esforçando para manter o nível de agilidade corpórea que a própria criou com o tempo, como por exemplo: manter

<sup>5</sup> Disponível em <https://noticiapreta.com.br/pai-de-beyonce-diz-que-se-cantora-fosse-negra-retinta-teria-afetado-o-sucesso-dela/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

<sup>6</sup> Disponível em <https://forbes.com.br/forbes-money/2023/03/fortuna-do-rapper-jay-z-sobe-para-us-25-bilhoes/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

<sup>7</sup> Disponível em <https://movinggirls.com.br/blog/a-beleza-doi-uma-reflexao-sobre-padrao-estetico-em-pretty-hurts/>. Acesso em: 16 fev. 2025.



coreografia e cantar ao vivo e a dieta restritiva vegana seguida pela mesma para manter o peso<sup>8</sup>.

Historicamente, as mulheres negras são as que normalmente sofrem por questões estéticas, entre outras características que definem sua identidade. O padrão legitimamente aceito é o eurocêntrico e esbelto. Gruber, Kalkbrenner e Hitter (2022) informam que as pessoas que se distanciam desse padrão tendem a ser mais vulneráveis ao racismo, entre outras desvantagens, o que pode contribuir para distorção de imagem corporal.

Quando se imagina as pressões estéticas, questões de saúde também são levadas em consideração. O uso medicinal da maconha, por exemplo, é algo que vem sendo recorrentemente discutido pela academia, mídia e a sociedade. O uso da erva para esses fins é amplamente pesquisado por especialistas na área da saúde. Em alguns estados norte-americanos o cultivo da *Cannabis* é liberado para o consumo pessoal. Vários artistas como Snoop Dogg e Drake possuem marcas de maconha regulamentadas pelo Estado. Em entrevista à revista *Harper's Bazaar*, Beyoncé afirma ter uma plantação de maconha, que segundo a mesma, utiliza para fins terapêuticos<sup>9</sup>. Ao expor o uso medicinal por artistas, algumas mudanças e flexibilizações podem ser possíveis por parte de governos. Assim como nos Estados Unidos, diversos países da Europa já legalizaram e descriminalizaram a maconha, que é comercializada em estabelecimentos formais, inibindo a clandestinidade.

Academicamente, cursos universitários com o foco na carreira da cantora também fazem sucesso. Diversos aspectos, tais como, o *marketing* utilizado pela mesma e a sua equipe são um dos pontos abordados nos cursos<sup>10</sup> e ementas. Por fim, o sucesso da cantora é refletido nos seus prêmios, fazendo prevalecer a sua relevância.

Beyoncé<sup>11</sup> ganhou seis estatuetas em uma edição da maior premiação mundial da música, o *Grammy Awards*. No ano de 2010, ela recebeu cinco prêmios pelo álbum duplo “*I am... Sasha Fierce*” e o sexto prêmio veio pela música “*At Last*” do filme “*Cadillac Records*” no qual interpreta a lendária cantora Etta James. Beyoncé também é a artista feminina mais indicada (Gomes, 2020) e, em 2023, tornou-se a maior vencedora no *ranking* geral do prêmio, inclui-se aqui prêmios entre homens e mulheres. Ainda assim, a mídia especializada sempre fez questionamentos, pois, apesar de ser a maior vencedora de todos os tempos da premiação, a categoria de disco do ano sempre foi

<sup>8</sup>Disponível em <https://hugogloss.uol.com.br/famosos/homecoming-beyonce-da-detahes-de-dieta-restritiva-pos-parto-e-revela-gravidez-dramatica-dos-gemeos-o-coracao-de-um-deles-parou/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

<sup>9</sup>Disponível em <https://rollingstone.uol.com.br/musica/beyonce-fala-sobre-uso-de-maconha-experimentei-os-beneficios/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

<sup>10</sup>Disponível em <https://www.hotcourses.com.br/study-in-usa/latest-news/universidade-americana-oferece-disciplina-sobre-beyonce/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

<sup>11</sup>Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/beyonce-leva-6-premios-e-bate-recorde-no-grammy-9xo3ko02u3hbe6f91aopaosb2/>. Acesso em: 16 fev. 2025.



vencida por outros artistas, normalmente de pele branca. Além disso, a maioria das categorias que a cantora venceu eram nichadas, como R&B<sup>12</sup>, por exemplo.

Por fim, como uma estrela importante da cultura pop na atualidade, a cantora anunciou no ano de 2023 por meio da sua fundação filantrópica, a ajuda a pequenos empreendedores negros brasileiros e africanos com bolsas de estudo<sup>13</sup>, atualizando a sua aprendizagem continuada. Ao reunir alguns elementos constitutivos de sua representatividade, a cantora também tem demonstrado preocupação na tentativa em construir um mundo melhor e ajudar seus fãs a se afirmarem como cidadãos.

Para Rodrigues (2020), a figura da cantora tornou-se fundamental para as discussões atuais sobre negritude, pois aspectos culturais, espirituais e de representatividade são expressos em seus trabalhos. Um dos exemplos mencionados pela autora é o afrofuturismo, que representa um movimento social, com aspectos políticos e culturais que buscam a conexão com os ancestrais africanos para então reimaginar as perspectivas de futuro da população negra (Rodrigues, 2020). Em linhas gerais, ao utilizar sua influência, Beyoncé apresenta ao seu público um movimento cultural, artístico e político que relaciona a herança africana com a ficção científica.

Por meio da cantora e de sua arte, a busca por elementos alusivos à africanidade e à espiritualidade cresceu muito em revistas especializadas em música após o lançamento do filme “*Black is King*”, uma parceria da cantora com o canal de *streaming* Disney+ (Rodrigues, 2020). É possível debater, a partir de suas obras, referências à orixá Oxum, ao movimento de união das nações africanas contra o racismo e as desigualdades dentro de seus territórios, o chamado pan-africanismo, e aos estudos gerais sobre africanidades.

As religiões de matriz africana tendem a ser marginalizadas, pois continuamente sofrem com questões que envolvem detalhes que podem incluir racismo, intolerância religiosa, discriminação e violência. Quando um artista se posiciona e apresenta abertamente a sua religiosidade, amplia as discussões e reflexões possíveis.

Essas são algumas das justificativas para se estudar Beyoncé e os marcadores sociais da diferença que a acompanha. A investigação pretende verificar como estudos de artigos de periódicos indexados na base de dados *Scopus* analisam essas questões. Conforme já mencionado, o impacto de Beyoncé está além da cultura musical, estando presente também na sociedade, principalmente no empoderamento de meninas, mulheres e a comunidade queer negra ao redor do mundo. A seguir será apresentada a metodologia adotada neste artigo.

---

<sup>12</sup> O *Rhythm and Blues* constitui um gênero musical desenvolvido e difundido por artistas negros norte-americanos, cujas raízes remontam ao *blues*, ao *gospel*, ao *jazz* e ao *folk*, exercendo posteriormente influência decisiva sobre estilos como o *soul*, o *funk*, o *hip hop* e a música eletrônica.

<sup>13</sup> Disponível em <https://vogue.globo.com/cultura/noticia/2023/11/beyonce-anuncia-projeto-de-apoio-financeiro-para-pequenos-empresarios-negros-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 16 fev. 2025.

## Metodologia

Para fins metodológicos, foi realizado um levantamento geral da produção de conhecimento em artigos científicos com referência na cantora. No mês de março de 2023, realizou-se a seguinte estratégia de busca na base de dados *Scopus*: (“Beyoncé” OR “Queen B” OR “Sasha Fierce” OR “Mrs. Carter”). Inicialmente, na opção “All” da base, ou seja, todas as tipologias documentais, recuperou-se 193 resultados, conforme indicado na tabela 1, sem a inclusão do ano de 2023.

**Tabela 1.** Levantamento da produção científica na base *Scopus*

Tipologia	Quantidade
Artigo	109
Capítulo de livro	28
Resenha	17
Editorial	12
Livro	14
Notas	6
Carta	3
Eventos	2
Errata	1
<i>Short survey</i>	1
<b>Total</b>	<b>193</b>

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Explicando a estratégia de busca, Beyoncé também é conhecida como *Queen B*, Sasha Fierce e Mrs. Carter. Filtrando os resultados apenas em artigos de periódicos, obteve-se 109 resultados. Desse modo, dos 109 artigos selecionados, 26 foram excluídos por: estarem indisponíveis no momento da análise dos dados (4 artigos); por falarem de assuntos relacionados à veterinária, como abelhas (*bees*) (3 artigos); poema (1 artigo); abordagem de questões sobre a primeira-dama Rosalynn Carter, que não tinha relações com Beyoncé, apenas o sobrenome de casada (Carter) (2 artigos); abordagem de outra Beyoncé, que não é a cantora (1 artigo), e, por fim, produções em anos em que Beyoncé não era conhecida mundialmente (1840-1997) e, consequentemente por não abordarem questões sobre a cantora (15 artigos). Neste sentido, considerou-se 83 artigos para a realização das leituras.

Ao aplicar a chamada “leitura técnica” dos resumos que, na visão de Dias e Naves (2013), apresenta uma etapa voltada para a identificação de termos que representará o assunto dentro de um texto, excluiu-se 42, pois não abordavam em seu escopo os marcadores sociais da diferença que se pensou inicialmente em se estudar. Assim, na análise final, dos 83, 41 artigos foram considerados aptos. Por fim, pode-se dizer que o objetivo da leitura técnica neste estudo está em verificar qual assunto ou assuntos são contemplados nos artigos e então extrair a temática geral abordada nos mesmos.

Após a leitura, separou-se em uma planilha em Excel: o título do artigo, o nome do periódico, o ano de publicação, o assunto do artigo, o(a) autor(a) e a tipologia. As palavras-chave não foram utilizadas, pois por serem escritas em outro idioma, poderiam ocorrer incorrências linguísticas. Nesta etapa, realizou-se a leitura dos 41 artigos dispostos para análise. Para cada artigo lido, criou-se uma categoria. Ainda que não completamente, pautou-se na técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011) para a categorização dos assuntos.

## Resultados

Constatou-se que a temática de maior amplitude foi o feminismo (presente em 11 artigos). O quadro 1 apresenta a relação desses artigos, acompanhados de suas respectivas autorias, anos de publicação e títulos.

**Quadro 1.** Artigos sobre feminismo

Autoria	Ano	Título
Mateus Salzano	2020	Lemons or Lemonade? Beyoncé, Killjoy Style, and Neoliberalism
Joni Acuff & Dana Carlisle Kletchka	2020	Liberté, Egalité, Fraternité: A black feminist analysis of Beyoncé Performing “APESHIT” in the Louvre
Katharina Wiedlack	2019	In/visibly different: Melania Trump and the othering of Eastern European women in US culture
Sarah Olutola	2019	I Ain’t Sorry: Beyoncé, Serena, and Hegemonic Hierarchies in Lemonade
Laura Martínez-Jiménez, Lina Gálvez-Muñoz & Ángela Solano-Caballero	2018	Neoliberalism Goes Pop and Purple: Postfeminist Empowerment from Beyoncé to Mad Max
Susan Hopkins	2018	Girl power-dressing: fashion, feminism and neoliberalism with Beckham, Beyoncé and Trump
Ebony A. Utley	2017	What does Beyoncé mean to young girls?
Maya Winfrey & Elizabeth Stinson	2016	Pulses from the multitude: virtuosity and black feminist discourse
Margeaux Feldman	2016	Undutiful daughters: Growing up in feminism and psychoanalysis
Dayna Chatman	2015	Pregnancy, Then It’s “back to Business”: Beyoncé, black femininity, and the politics of a post feminist gender regime
Nathalie Weidhase	2015	“Beyoncé feminism” and the contestation of the black feminist body

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Salzano (2020) analisa o feminismo e a museologia pós-crítica a partir do videoclipe *Apeshit* da cantora com o seu marido Jay Z, gravado no museu do Louvre em Paris. Acuff e Kletchka (2020) comparam o feminismo, na perspectiva da escritora bell hooks, e o álbum *Lemonade*.

Olutola (2019) exprime a temática do feminismo, por meio do álbum *Lemonade* da cantora, e analisa como Beyoncé conseguiu elevar o *status* feminista na sua arte. O artigo ainda cita a tenista negra Serena Williams, amiga de Beyoncé, como parte deste processo, pois a mesma participa do videoclipe “*Sorry*”, presente no *Lemonade*. A ex-primeira-dama dos Estados Unidos Melania Trump aparece no artigo de Wiedlack (2019) como uma pessoa retratada de forma pejorativa pela mídia de massa norte-americana, pelo fato da mesma ser do Leste Europeu<sup>14</sup>. Beyoncé é apresentada por esses veículos, segundo a autora, como uma típica mulher afro-americana, com forte tendência ao ativismo feminista negro.

Hopkins (2018) explicita uma visão baseada em Beyoncé, na então primeira-dama dos Estados Unidos Melania Trump e na cantora, do extinto grupo feminino *Spice Girls*, Victoria Beckham, apresentando-as como figuras feministas e empreendedoras. Martínez-Jiménez, Gálvez-Miño e Solano-Caballero (2018) utilizam o feminismo como temática central do artigo, relacionando-o com outras temáticas secundárias como o neoliberalismo, Beyoncé e o filme *Mad Max*.

Utlely (2017) aborda o feminismo na perspectiva de Beyoncé e sobre como meninas de 11 a 16 anos enxergam a cantora. Foram apresentados em grupos focais às mesmas dois videoclipes de Beyoncé com temáticas feministas: “*Run the world (Girls)*” e “\*\*\**Flawless*”.

Feldman (2016) apresenta o feminismo na perspectiva da psicanálise relacionando, na análise, outras cantoras pop. Winfrey e Stinson (2016) discorre sobre a evolução feminista da cantora desde o seu álbum autointitulado de 2013, até chegar ao feminismo propriamente negro, debatendo a legitimidade feminista da cantora.

O artigo de Weidhase (2015) apresenta o feminismo na visão da cantora, sendo a mesma a líder de indicações ao *Video Music Awards*<sup>15</sup> em 2014, pelo álbum Beyoncé. É neste álbum que ela fala abertamente sobre questões feministas e da liberdade sexual da mulher. Chatman (2015) aborda o pós-feminismo pela perspectiva da cantora, ou seja, a mulher, mãe, negra, que trabalha e cuida do seu corpo.

O feminismo negro começa a surgir na literatura tardiamente, quando comparado com o movimento feminista tradicional (branco). Pode-se dizer que houve uma invisibilidade dos anseios dessas mulheres no tempo e na história. Cientificamente, autoras como Angela Davis e bell hooks foram pioneiras nas discussões iniciais sobre o feminismo negro nos Estados Unidos.

Reis, César e Alves (2023) apresentam que os primeiros movimentos feministas estavam inteiramente voltados para as mulheres brancas de classe média e alta da Europa e dos Estados Unidos que eram contra o sexismo. Os autores prosseguem informando que até meados dos séculos XIX e XX essas mulheres também sofriam com

<sup>14</sup> Melania nasceu na Eslovênia.

<sup>15</sup> Premiação da MTV norte-americana.

questões de cunho intelectual e social por parte dos homens brancos pertencentes à classe média e alta, nas quais as atividades da mulher estavam voltadas apenas para ações domésticas.

Neste sentido, algumas mobilizações em defesa dos direitos das mulheres começaram a ganhar corpo e relevância. De modo geral, o movimento feminista consiste na luta protagonizada pelas mulheres em busca de igualdade em relação aos homens, com “[...] direitos igualitários, tendo [o] foco [na] busca pela igualdade política, econômica e sexual” (Reis, César & Alves, 2023:69). Ainda assim, começaram a surgir e ganhar proporção, discussões nas quais esse movimento não abraçava todas as mulheres de forma igualitária. Tendo em vista essa nuance, o feminismo negro começou a se expandir e por meio da interseccionalidade viu-se a necessidade de expor as diferentes formas de exclusão e marginalização sofridas por mulheres negras (Reis, César & Alves, 2023). Corroborando essa visão, Sebastião (2010:66) apresenta o conceito de feminismo negro como um processo que

[...] vem sendo forjado na luta do movimento de mulheres negras pelo reconhecimento das especificidades do grupo no contexto da luta feminista e do combate ao racismo. As correntes desenvolvidas pelo feminismo tradicional não correspondem integralmente às necessidades da mulher afrodescendente. Daí, a relevância de desenvolver um feminismo com recorte racial e que combata simultaneamente o domínio patriarcal e racista.

Retomando as narrativas dos artigos analisados, pode-se perceber uma visão diversa do feminismo negro por meio da arte de Beyoncé e da sua vida. Seus álbuns e vídeos são objetos e elementos de pesquisa para a discussão do movimento e em diferentes vertentes. Cabe a reflexão que além do feminismo negro, o feminismo “tradicional”, por assim dizer, também é representado através da cantora. O seu impacto nas artes e a influência para meninas da nova geração também são temáticas discutidas nos artigos.

O álbum Beyoncé de 2013 traz elementos alusivos ao feminismo, mas ainda não declaradamente negro. Os textos trazem elementos de análise, comparando a cantora com outras mulheres midiáticas, escalonando ao exemplo de representatividade que Beyoncé exerce atualmente para meninas negras.

Por meio dos artigos levantados, percebe-se um olhar para o feminismo em diversas perspectivas, o que permite estabelecer analogias com os recortes em que esse movimento se encontra delimitado, estendendo-se até o período pós-moderno. O álbum *Lemonade* é caracterizado nos textos como ponto crucial no qual o feminismo negro da cantora de fato é ecoado e alicerçado.

Gênero é a temática que surge em segundo lugar com 6 artigos conforme indica o quadro 2.

Quadro 2. Artigos sobre gênero

Autoria	Ano	Título
Addie Sayers China	2020	Racialization and gender in Tumblr: Beyoncé as a raciolinguistic semiotic resource
Chelsea Burns	2020	The racial limitations of country-soul crossover in Bobby Womack's <i>BW goes C&amp;W</i> , 1976
Jocelyn R. Neal	2020	"Tennessee whiskey" and the politics of harmony
Lauron Kehrer	2019	Who Slays? Queer Resonances in Beyoncé's <i>Lemonade</i>
Constantine Chatzipapatheodoridis	2017	Beyoncé's Slay Trick: The Performance of Black Camp and its Intersectional Politics
Barbara Read	2011	Britney, Beyoncé, and me - primary school girls' role models and constructions of the "popular" girl

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

China (2020) verifica o gênero, analisando em conjunto com a racialização, enfocando a cantora como recurso semiótico raciolinguístico. Tendo como objeto de análise a mídia social *Tumblr*, a autora analisa postagens com questões de raça e gênero, desafiando, segundo suas próprias palavras, os olhares brancos, desestabilizando a branquitude.

Burns (2020) aborda a carreira do músico Bobby Womack através do álbum *BW Goes C&W*, que é fortemente influenciado pela música *Country*. As delimitações do estudo estão em raça e gênero, uma vez que o músico incluiu elementos de *Soul* e *R&B* ao disco para se aproximar do público negro. O álbum em si confrontava ativamente a exclusão racial e de gênero, algo que continua a se perpetuar nos dias atuais com novos artistas como Beyoncé e Lil Nas X.

Neal (2020) analisa o músico Chris Stapleton que fez uma performance de *Tennessee Whiskey* utilizando elementos de *Soul*, apresentando uma ligação da música *Country* do presente e do passado. Assim, o artigo analisa questões de gênero, estilo musical e política racial dentro desse estilo musical. Novamente, artistas que originalmente não são deste segmento musical como Beyoncé e Lil Nas X são mencionados.

Kehrer (2019), ao analisar a cultura queer no álbum *Lemonade*, destaca artistas deste movimento que foram utilizados para compor o álbum, apresentando uma relação de reconhecimento deste público, por parte da cantora, como inspiração. Chatzipapatheodoridis (2017) verifica apontamentos da cultura queer em Beyoncé, mais precisamente da cultura queer afro-americana. Ainda que no artigo sejam evidenciados os exemplos de Beyoncé junto às questões de gênero, sexualidade e raça, o foco está em analisar aspectos queer em suas obras.

Read (2011) discute a concepção de uma garota popular baseadas nas cantoras Britney Spears e Beyoncé, uma vez que as duas artistas são retratadas à época como construções femininas dominantes, ou seja, o reflexo do que a maioria das garotas gostariam de ser quando crescessem. Com isto, há uma fração de gênero e influência de



um grupo de meninas dominantes sobre o outro grupo de meninas dominadas nas escolas.

Em linhas gerais, percebe-se que o marcador gênero é analisado pelos textos em concepções que abrangem Beyoncé e sua arte. O uso de mídias sociais como elemento científico para o estudo das relações de gênero é uma realidade. Por meio delas, é possível compreender o processo de construção e autoafirmação de gênero. É importante entender que movimentos tidos como brancos, como a música *Country*, por exemplo, implicam discussões sobre gênero. Por fim, o raio de influência, atuação e representatividade da cantora é tão amplo que a comunidade queer também tem contribuído em suas letras, fazendo com que mais pessoas consumam e conheçam os seus anseios.

Nesta perspectiva, os estudos nos ajudam a compreender as questões de gênero a partir de formas sociais e culturais explícitas. Logo, os textos analisados buscam trazer visibilidade e derrubar o que está exposto e tido como normal. Na conjuntura aqui apresentada, Beyoncé não é um único elo, há também outros artistas negros que serviram como base para os estudos como o rapper Lil Nas X.

Nascido como Montero Lamar Hill, Lil Nas X é um rapper norte-americano, da cidade de Atlanta, Geórgia. Negro e *gay*, conseguiu ficar no topo da *Billboard*, principal parada de música dos Estados Unidos, por 19 semanas consecutivas com a música “*Old town road*”. Homossexual assumido em uma cena musical preconceituosa e machista como é o rap norte-americano, fez com que ele se tornasse um representante dos LGBTQIA+ negros. Fora o recorde em questão na parada da *Billboard*, a música apresenta elementos de música *Country*, que é dominado majoritariamente por pessoas brancas. No álbum *Lemonade*, Beyoncé também se aventura neste estilo na canção dedicada ao seu pai intitulada “*Daddy lessons*”. A terceira temática com o maior retorno de resultados foi a negritude, com 5 artigos, conforme exposto no quadro 3.

**Quadro 3.** Artigos sobre negritude

Autoria	Ano	Título
April L. Graham-Jackson & Robert Moeller	2023	Black scale: constructing “haunted” overpasses as relational methodologies
Winsome Chunnu	2020	Under the Eagles Wings: America, God Shed a Tear on Thee
Maeve Eberhardt & Madeline Vdoviyak-Markow	2020	“I ain't sorry”: African American English as a strategic resource in Beyoncé's performative persona
Jamie Ann Rogers	2020	Diasporic communion and textual exchange in Beyoncé's <i>Lemonade</i> and Julie Dash's daughters of the dust
Janell Hobson	2018	Remnants of Venus: Signifying black beauty and sexuality

Fonte: Dados de pesquisa (2023).



Graham-Jackson e Moeller (2023) apresentam no artigo o que eles conceituam como “*black scale*”, que seria a junção de teoria, conceito e metodologia sobre negritude, música, sonoridade e geolocalização, criando uma interdependência de escala e localização. Nesse sentido, tendo como objeto de pesquisa a música *Haunted* de Beyoncé, o estudo apresenta as escalas individuais e coletivas envolvendo a arte poética negra e a produção social e cultural dos mesmos.

Chunnu (2020) analisa a dor do povo negro nos Estados Unidos, assim como a desigualdade social oriunda deste país, por meio da arte de diferentes artistas, entre eles Beyoncé. Eberhardt e Vdoviyak-Markow (2020) discutem a linguagem e o desenvolvimento de Beyoncé, enquanto estrela pop e ícone feminista. Cinco álbuns de Beyoncé são utilizados como estratégia para a afirmação da cantora enquanto pessoa e mulher negra.

Rogers (2020) analisa a negritude pelo viés da diáspora e da resistência negra através do álbum *Lemonade* e o filme *Daughters of the dust* (Filhas do pó) de Julie Dash. O filme narra a história de descendentes de africanos, que conseguiram escapar do tráfico de pessoas negras nos Estados Unidos e, com isso, lutam pela conquista da liberdade. O artigo conceitua comunhão diaspórica, como sendo emergente em textos, atuando como um artefato local para a conexão de pessoas da diáspora.

Hobson (2018), em seu artigo, faz alusão à Vênus, tida como a deusa do amor e da beleza na mitologia romana. O recorte da pesquisa considera como tema central as celebridades que são tidas como exemplo de beleza e estética negra. Beyoncé, assim como a cantora Janelle Monáe e a rapper caribenha Nicki Minaj são tidas como destaques.

As discussões sobre negritude e Beyoncé ainda são algo turvo. Percebe-se a temática presente em textos a partir de 2018. Pode-se dizer que questões de cunho racial passaram a fazer parte do repertório da cantora após o álbum *Lemonade*, de 2016, no qual a cantora fala abertamente sobre a sua negritude e ancestralidade. Anterior a isso, muitos a consideravam omissa sobre as lutas raciais em suas obras. Nos textos analisados, o marcador raça é analisado de forma alusiva em músicas e videocliques da cantora.

Destaca-se que não está relacionado à biologia, mas a elementos que associam aspectos individuais e coletivos. Logo, a dor e a desigualdade social enfrentadas pelo povo negro norte-americano, são enfatizadas nas artes de outros artistas negros e também de Beyoncé. Desse modo, é possível vislumbrar ações de resistência negra diaspórica assim como fazer sobressair características de beleza e também de estética. A representatividade de artistas e influenciadores negros na mídia tem sido fundamental nesse processo. O movimento da estética africana diaspórica busca afirmar a beleza negra através de aspectos que remetem à África como origem. No Brasil, esse movimento encontrou espaço na música negra e nos bailes que abraçavam a cultura afro-americana (Nacked, 2012).

Martins (2016), ao retratar a sátira do programa *Saturday Night Live*, relembra o dia em que pessoas brancas descobriram que Beyoncé era negra. Na esquete chamada de “*The day Beyoncé turned black*”, que em tradução livre seria “O dia que Beyoncé virou negra”, o autor apresenta o espanto de pessoas brancas ao ouvirem *Formation* pela primeira vez e criaram um caos mundial, assemelhando-se a um ataque zumbi.

Cabe lembrar que a cantora à época fez uma participação no *Super Bowl*, cuja apresentação principal era da banda Coldplay, em colaboração com o cantor havaiano Bruno Mars, cantando justamente a música *Formation*. Nesta canção e na apresentação, são evocadas questões pertinentes à luta do povo negro como o líder Malcon X, Michael Jackson e os Panteras Negras. A cantora foi fortemente boicotada, em suma, por pessoas brancas, que até então não haviam visto a mesma ecoar fortemente a sua militância. Reclamações foram proferidas pela veiculação do espetáculo para milhões de pessoas.

A religiosidade é a temática que aparece com 4 artigos, conforme exposto a seguir no quadro 4.

**Quadro 4.** Artigos sobre religiosidade

Autoria	Ano	Título
Elizabeth Pérez	2021	The Black Atlantic Metaphysics of Azealia Banks: Brujx Womanism at the Kongo Crossroads
Nahum Welang	2021	The Death and Resurrection of Oshun in Beyoncé's Lemonade: Subverting the Institutionalized Borders of Western Christian Thought in American Popular Culture
Afe Adogame & Ruth Vida Amwe	2021	Leveraging African Spirituality and Popular Culture betwixt Africa and the African Diaspora
Tamara Henry	2018	Reimagining religious education for young, black, christian women: Womanist resistance in the form of hip-hop

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Pérez (2021) analisa a religiosidade da rapper Azealia Banks e Beyoncé, que são de religiões de matriz africana. Com o lançamento do *Lemonade*, Banks passou a defender com mais ênfase o Palo Mayombe, uma religião de matriz africana, a qual a mesma segue.

Welang (2021) aborda a morte e a ressurreição de Oxum no álbum *Lemonade*. Há um percurso histórico demonstrando como o colonialismo europeu destruiu diversas religiões de matriz africana e indígenas para impor o pensamento e a cultura do cristianismo. Beyoncé, por meio do seu álbum e videoclipe, celebra Oxum em um vestido amarelo, descendo as escadarias de uma igreja, demonstrando a “morte” da sua velha persona e o renascimento de uma nova Beyoncé.

Adogame e Amwe (2021) apontam a diáspora africana e a invocação da tradição iorubá em *Lemonade*. O filme musical *Black is King*, produzido, escrito e dirigido por

Beyoncé para *O Rei Leão*, também é objeto de análise, assim como o filme *Pantera Negra*. Nessas produções, observa-se a presença da espiritualidade africana como expressão de equilíbrio entre o sagrado e as diferentes concepções do florescimento humano.

Henry (2018) apresenta a educação religiosa em um contexto histórico em que as mulheres negras dentro da igreja foram silenciadas e negligenciadas. No entanto, atualmente, há uma tendência na qual essas mulheres seguem novas abordagens dentro da igreja, fugindo do tradicionalismo. Artistas negras, como Beyoncé, são utilizadas por essas mulheres como ponto de reflexão referencial religiosa e teológica. Realizou-se um estudo focal com jovens seminaristas negras, apresentando trabalhos de Beyoncé e da sua irmã Solange como um parâmetro de espiritualidade e resistência de mulheres negras dentro da educação religiosa.

Historicamente, religiões de matriz africanas sempre foram tratadas de forma discriminatória e preconceituosa. Quando uma artista, mundialmente conhecida, se posiciona e fala abertamente sobre a religião que segue, abrem-se discussões para aceitação, estudos, entre outros debates. Pode-se dizer que há um processo de militância nas obras de Beyoncé, conforme já apresentado. Ela começou de forma mais enfática com o feminismo no álbum *Beyoncé*, seguiu com a negritude e ancestralidade com o *Lemonade* e, mais fortemente, com o marcador religião, no “*The gift*” que originou o filme “*Black is king*” onde em diversos trechos, ela fala abertamente com os orixás, enaltecendo a sua ancestralidade. Na apresentação do *Grammy* de 2017, a cantora, então grávida dos gêmeos Sir e Rumi Carter, subiu ao palco e fez a representação de Oxum. Com o figurino todo dourado, ela cantou as músicas “*Love drought*” e “*Sandcastles*”, canções presentes no *Lemonade*. Logo, percebe-se que essa apresentação não traz apenas elementos dos marcadores de religiosidade da cantora, mas sim questões raciais, feministas, estéticas e maternidade.

Com menores frequências, 2 cada, são citados artigos que abordam a sexualidade, a violência, o ativismo da cantora e raça (racismo), respectivamente.

**Quadro 5.** Artigos sobre sexualidade, violência, ativismo, raça (racismo)

Autoria	Ano	Título
Aria S. Halliday	2020	Twerk sumn!: theorizing black girl epistemology in the body
Amber Johnson	2014	Confessions of a video vixen: my autocritography of sexuality, desire and memory
Z. Hall	2017	The shrews are drunk in love
Maria José Gamez Fontes, Emma Gómez-Nicolau & Rebeca Maseda García	2016	Celebrities, gender-based violence and women’s rights: towards the transformation of the framework of recognition?
Garhe Osiebe	2021	Entrepreneurs in brown skins? Performing matter into contemporary black lives

**Quadro 5.** Artigos sobre sexualidade, violência, ativismo, raça (racismo) (Continuação)

Sherri Williams	2020	The black digital syllabus movement: the fusion of academia, activism and arts
Marquita Gammage	2017	Pop culture without culture: examining the public backlash to Beyoncé's super bowl 50 performance
Farah Jasmine Griffin	2011	At last...? Michelle Obama, Beyoncé, race & history

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Halliday (2020) fala do *twerk*, uma dança que apresenta alguns elementos do *funk* e do *hip-hop*, que de forma sensual, o dançarino ou dançarina, concentram os movimentos nos quadris. A autora explora a questão da sexualidade de mulheres negras no videoclipe *Sorry* de Beyoncé, presente no álbum *Lemonade*. Johnson (2014) aborda a sexualidade por meio das curvas da mulher negra norte-americana, tendo Beyoncé como um dos exemplos de inspiração.

A sexualidade é algo bastante presente em obras de cantoras pop. Pode-se dizer que a cantora Madonna é um dos maiores expoentes dessa faceta que se manifesta desde a apresentação de “*Like a Virgin*”, em 1984, no *Video Music Awards*, no qual a cantora surge de noiva, fazendo vários gestos sexuais ao se jogar no chão. Cabe lembrar que Madonna é uma das inspirações de Beyoncé, cujo *sample* da música *Vogue* está presente em um *remix* da música “*Break my soul*” da cantora, do álbum *Renaissance*. Nos textos, Beyoncé é reconhecida como um exemplo de sexualidade da mulher negra. Por ser explícita em suas letras, vídeos e também em danças coreografadas, aspectos observacionais que levam em consideração esse marcador são evidenciados, trazendo elementos de interseccionalidades.

Hall (2017) discute a violência por meio do videoclipe “*Drunk in love*” da cantora. Em um dos versos da música, o esposo de Beyoncé, Jay Z, faz alusão à violência sofrida pela cantora Tina Turner e o seu marido, na época Ike. Tal ato causou bastante controvérsia. No trecho, em específico, Jay Z entoa: “*Now eat the cake, Anna Mae*” que em tradução livre seria “agora coma o bolo, Anna Mae”. Anna Mae é o nome de batismo de Tina. O trecho da música remonta uma cena vivenciada por Tina, em que ela e Ike estão em um restaurante. Ela se recusa a comer um bolo e Ike, então, a agride fisicamente. Gámez Fuentes, Gómez Nicolau e Maseda García (2016) discutem a violência de gênero e o direito das mulheres por meio das celebridades. Uma apresentação musical de Beyoncé é utilizada como objeto de análise.

Osiebe (2021) narra como a música foi importante para o fortalecimento do movimento “vidas negras importam”, após o assassinato de George Floyd por policiais brancos. Um vídeo de Beyoncé, com a música “*Brown Skin Girl*”, é utilizado como um artefato de ativismo para desmistificar as conotações pejorativas associadas às pessoas negras. Williams (2020) descreve este momento de grande ativismo nos Estados Unidos, após o assassinato em massa de pessoas negras. Neste caso, é mencionado o

tiroteio ocorrido na igreja de Charleston chegando ao lançamento do álbum *Lemonade*, como um fator importante para o início destes protestos.

Gammage (2017) analisa o racismo e o boicote sofrido pela cantora por meio da reação do público para a sua apresentação no *Super Bowl 50* (liga de futebol norte-americano) que enalteceu a cultura negra. Como de costume, no dia da final, há sempre a apresentação musical de algum artista popular. O evento representa o horário mais caro da TV norte-americana e para um artista se apresentar neste palco é um grande feito. Por lá, já passaram, entre outros artistas, cantores como Prince, Michael Jackson, Diana Ross e, em 2023, a cantora caribenha Rihanna.

Griffin (2011) aborda Michelle Obama e Beyoncé como dois modelos de mulheres negras bem-sucedidas em meio às discussões raciais nos Estados Unidos à época. Questões de ancestralidade das duas celebridades também são levantadas como, por exemplo, os seus antepassados escravizados.

Em cada artigo, há reflexões e análises ancoradas em discussões sociais relevantes, que ampliam as relações e dimensões da mulher negra nos dias atuais. Ao reforçar elementos que fortalecem sua sexualidade, aspectos como a hiperssexualização podem ser discutidos e, posteriormente, relacionados à violência doméstica. O movimento “vidas negras importam” representa a união de pessoas que buscavam lutar contra mortes injustificadas de pretos pela polícia. Cabe lembrar que, em uma das cenas do videoclipe de *“Formation”*, há a frase *“stop shooting us”*, que, em tradução livre, significa “parem de atirar contra nós”, a cantora manifesta abertamente seu apoio à causa. Diante de tamanha magnitude de suas ações, Beyoncé, assim como Michelle Obama, são mulheres negras respeitadas e referenciais para outras que as veem como exemplos de representatividade e de sucesso.

Assuntos como maternidade, equidade, empoderamento, antirracismo, meritocracia, África e afrofuturismo, respectivamente, aparecem com 1 artigo cada.

**Quadro 6.** Artigos sobre maternidade, equidade, empoderamento, antirracismo, meritocracia, África e afrofuturismo

Autoria	Ano	Título
Christina Baade	2019	A complicated transformation: Beyoncé, “Blue” and the politics of black motherhood
Cynthia B. Dillard	2021	When black is [queen]: towards and endarkened equity and excellence in education
Aria S. Halliday & Nadia E. Brown	2018	The power of black girl magic anthems: Nicki Minaj, Beyoncé and “feeling myself” as political empowerment
Amanda Nell Edgard & Ashton Toone	2019	“She invited other people to that space”: audience habitus, place and social justice in Beyoncé’s <i>lemonade</i>
Hannah Yelin & Michele Paule	2021	“The best thing about having Meghan join the royal family is that she actually has black in her”: girls making meaning around Meghan Markle, the monarchy and meritocracy

**Quadro 6.** Artigos sobre maternidade, equidade, empoderamento, antirracismo, meritocracia, África e afrofuturismo (Continuação)

Michael Kgomotso Masemola & Pinky Makoe	2014	Musical space as site of transculturation of memory and transformation of consciousness: the re affirmation of Africa in the black Atlantic assemblage
C. Smith & L. S. Coleman	2022	Ancestor is king: the role of Afrofuturism in Beyoncé's black is king

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Baade (2019) analisa a maternidade por meio do videoclipe “*Blue*”, no qual a cantora dedica para sua filha primogênita. O filme se passa em praias brasileiras, mais especificamente na Bahia. O outro vídeo, objeto de análise, é a performance da cantora, desta vez grávida de gêmeos, no *Grammy Awards*.

Dillard (2021) verifica a equidade na educação, principalmente quando se fala de pessoas pretas. O artigo tem como base o filme “*Black is King*” e os caminhos para a equidade e excelência em educação negra, quando inseridas em espaços criativos e culturais negros.

Halliday e Brown (2018) buscam em uma canção de Beyoncé com a rapper Nicki Minaj o empoderamento feminino negro. Questões como negritude, feminilidade, sexualidade e amizade também são levadas em consideração pelo artigo como aspectos de empoderamento de outras mulheres negras. Realizou-se um grupo focal com mulheres negras para verificar tais características.

Edgar e Toone (2019) discutem a justiça social em *Lemonade* de Beyoncé, uma vez que, em 2016, as tensões raciais nos Estados Unidos estavam bastante latentes. A pesquisa ouviu 35 pessoas que apreciaram a obra da cantora e as temáticas “orgulho racial”, “comunidade” e “igualdade” foram exploradas. Por fim, os entrevistados utilizaram tais temáticas após consumirem o *Lemonade* para cultivar um *habitus* antirracista para tentar tornar mais justas as oportunidades ao seu redor.

Yelin e Paule (2021) ao estudar a meritocracia, analisam como meninas de escola pública discutem sobre privilégios herdados e raça na cultura popular. O artigo aborda o casamento do príncipe Harry e da atriz Meghan Markle. Beyoncé, assim como outras estrelas negras dos Estados Unidos, como Oprah Winfrey e Michelle Obama são mencionadas no artigo como exemplos a serem seguidos pelas meninas negras.

Masemola e Makoe (2014), ao contextualizar a África, mostram a importância do hip-hop e outros gêneros musicais na África do Sul como um fator importante de internacionalização de representações locais. Tal ato exprime a vontade de unificação de um idioma africano por meio de línguas indígenas da África do Sul e sonoridades do restante do continente. Beyoncé é tida como uma das expressões para tal afirmação, assim como as Nações Unidas.

Por fim, Smith e Coleman (2022) analisam o afrofuturismo no filme “*Black is King*” da cantora. O artigo busca examinar representações, regulações e identidade ancestral



no filme, abordando a cultura e o afrofuturismo para investigar a conexão do passado, presente e o futuro do povo negro. Assim, concluíram que o afrofuturismo está além da estética, sendo uma temática que busca expor as discussões sobre empoderamento, resistência e comunicação de pessoas pretas.

Essas temáticas levantam apontamentos de interseccionalidades. As questões suscitadas, maternidade, equidade, empoderamento, antirracismo, meritocracia, África e afrofuturismo levam a refletir sobre o povo negro, em múltiplas perspectivas e apontamentos importantes de discussão, ou seja, todas essas temáticas trazem luz a implicações sociais reais vivenciadas por pessoas negras.

## **O *show* não pode acabar**

A proposta central deste artigo foi tentar sintetizar como a cantora é tematizada nos artigos científicos internacionais, fazendo sobressair, sobre os estudos analisados, aspectos que evidenciavam a sua representatividade por meio dos marcadores sociais da diferença. À luz das categorizações de raça, gênero, sexualidade, religiosidade, entre outros, buscou-se mesclar elementos científicos e pessoais da artista por meio da sua trajetória de vida, evidenciando a sua importância para a luta de pessoas pretas que buscam a sua legitimidade social.

Ao todo, foram considerados e estudados 41 artigos, sendo o feminismo presente em 11; o marcador de gênero em 6; negritude em 5; religião em 4; sexualidade, violência, ativismo e racismo em 2 cada; maternidade, equidade, empoderamento, antirracismo, meritocracia, África e afrofuturismo 1 em cada.

Tais questões foram ecoadas e, dentre as categorias que se sobressaíram nos estudos, tiveram o feminismo como a temática mais abordada. Neste caso, é importante trazer à tona a artista, que se posicionou abertamente como feminista em 2013 no seu álbum autointitulado, para posteriormente, no *Lemonade*, trazer a reflexão sobre o feminismo negro e representatividade. Tal fato, conforme apresentado neste artigo, teve a sua importância negligenciada por algum tempo pela sociedade em prol do que podemos chamar de “feminismo branco”.

O *Lemonade* é apresentado como o álbum que marca a posição mais explícita de Beyoncé como ativista e mulher negra. Nas pesquisas analisadas, ele é visto como um ponto de partida em que a cantora fala e se apresenta abertamente sobre o feminismo negro e o pertencimento de sua identidade. Posteriormente, nos álbuns seguintes, ocorrem questionamentos da estética e dos corpos negros nas artes eruditas, como nas pinturas e esculturas que compõem as coleções do Museu do Louvre, em Paris, para finalmente chegar ao culto à sua religiosidade aos orixás.

Em relação ao gênero, por ser uma artista pop, além de abraçar a comunidade negra, ela também expande o seu alcance e reflexos nas comunidades LGBTQIA+.



Nesse sentido, seu papel, além de artista de sucesso no *mainstream*, inclui e dá voz a diferentes públicos que compõem e consomem sua arte.

Cabe mencionar que a maioria das autorias dos artigos analisados são de mulheres. Esse ponto também pode ser um elemento de discussão sobre a mulher na academia, ampliando o debate sobre o seu lugar na prática científica.

Ao longo das leituras, percebeu-se diversos atravessamentos que constituem a vida da cantora. Portanto, fundamenta-se a importância de se pensar em interseccionalidades e como ela consegue subverter a visão que reflete a marginalização ao empoderamento, constituindo olhares de possibilidades e representatividade para diferentes pessoas. Com isso, ao refletir sobre os marcadores sociais da diferença que dimensionam o legado da artista, esta pesquisa buscou explorar a importância de estudar como essa herança cultural construída por Beyoncé, ao longo do tempo, está presente em artigos científicos internacionais. Buscou-se, portanto, entender o impacto desses estudos que têm a cantora como tema e utilizam os marcadores sociais da diferença para destacar elementos presentes em sua arte.

Neste sentido, a representatividade de Beyoncé também serviu como base para a compreensão e reflexão sobre violência contra a mulher, a sexualidade, o ativismo, raça, racismo, maternidade, equidade, empoderamento, antirracismo, meritocracia, África e afrofuturismo. Este é um ótimo quebra-cabeças a ser montado, discutido, refletido e ser levado adiante em novas pesquisas, neste caso, não somente nas Ciências Sociais.

As temáticas levantadas por meio dos marcadores sociais da diferença podem ser trabalhadas na educação de jovens e adultos, por exemplo, pois a abrangência que Beyoncé tem no Brasil é grande. Prova disso está na comoção causada pela artista que encerrou a sua última turnê, a *Renaissance World Tour*, sem passar pelo país<sup>16</sup>.

Em linhas gerais, entende-se que os textos analisados podem servir como base para estudos nacionais aprofundarem as pesquisas sobre a cultura pop e artistas locais, buscando levantar questões sociais sobre a população negra e os seus possíveis desdobramentos.

Assim, apreendeu-se, por meio deste artigo, que Beyoncé é uma potência global, com quase 30 anos de carreira, configurando-se como um ícone de grande relevância em múltiplas narrativas que ultrapassam a dimensão do espetáculo, pois incorpora em sua arte marcadores sociais da diferença que representam não apenas a população negra, mas também um conjunto de sujeitos historicamente negligenciados por distintos setores da sociedade. Por fim, conclui-se que a sua representatividade, presente por meio dos textos analisados, ampliam discussões importantes em nichos que englobam negros, mulheres, LGBTQIA+ entre outros.

---

<sup>16</sup>Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/ela-nao-vem-mais-beyonce-anuncia-fim-da-turne-sem-passagem-pelo-brasil-e-fas-se-revoltam/>. Acesso em: 16 fev. 2025.

Contudo, é importante destacar as limitações desta pesquisa, pois a leitura apenas de resumos ou mesmo a escolha por palavras-chave da estratégia de busca podem apresentar resultados diferentes se esses textos fossem lidos em sua integralidade. Ademais, talvez um outro repertório de termos pudesse contribuir para o aparecimento de mais pesquisas científicas. Assim, sugerimos a realização de novas investigações que atendam este público.

## Referências

- ACUFF, Joni; KLETCHKA, Dana C. (2020). “Liberté, égalité, fraternité: a black feminist analysis of Beyoncé performing “APESHIT” in the Louve”. *The International Journal of the Inclusive Museum*, v. 13, n. 1, pp. 13-36. [Consult. 13-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.18848/1835-2014/CGP/v13i01/13-36>
- ADOGAME, Afe; AMWE, Ruth V. (2021). “Leveraging African spirituality and popular culture betwixt Africa and the African diaspora”. *Journal for the Academic Study of Religion*, v. 34, n. 3, pp. 242-266. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://journal.equinoxpub.com/jasr/article/view/21027>
- AMARAL, Gabriela F. (2016). *Who run the world? Girls! O polêmico feminismo em Beyoncé Knowles*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 54 p.
- ANDRADE, Rani. (2020). “Representatividade: o que isso significa?” *Politize*. [Consult. 23-03-2025]. Disponível em <https://www.politize.com.br/representatividade/>
- BAADE, Christina. (2019). “A complicated transformation: Beyoncé, ‘Blue’ and the politics of black motherhood”. *Popular Music and Society*, v. 42, n. 1, pp. 42-60. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1080/03007766.2019.1555887>
- BARDIN, Laurence. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo, Edições 70.
- BERGER, Peter L. (1985). *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulinas.
- BERTH, Joice. (2019). *Empoderamento*. São Paulo, Pólen.
- BEYONCÉ; Adichie; CHIMAMANDA, Ngozi. (2013). \*\*\*Flawless. *YouTube*. [Consult. 12-06-2023]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iyuuwons9by>
- BRITZMAN, Deborah P. (1996). “O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo”. *Educação e Realidade*, v. 21, n. 1, pp. 71-96. [Consult. 22-03-2025]. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71644>
- BURNS, Chelsea. (2020). “The racial limitations of country-soul crossover in Bobby Womack's BW goes C&W, 1976”. *Journal of Popular Music Studies*, v. 32, n. 2, pp. 112-127. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1525/jpms.2020.32.2.112>
- BUTLER, Judith. (2017). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 13. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- CHATMAN, Dayna. (2015). “Pregnancy, Then It's “back to Business”: Beyoncé, black femininity, and the politics of a post feminist gender regime”. *Feminist Media Studies*, v. 15, n. 6, pp. 926-941. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14680777.2015.1036901>
- CHATZIPAPATHEODORIDIS, Constantine. (2017). “Beyoncé's slay trick: the performance of black camp and its intersectional politics”. *Open Cultural Studies*, v. 1, n. 1, pp. 406-416. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1515/culture-2017-0038>

- CHINA, Addie S. (2020). “Racialization and gender in tumblr: Beyoncé as a raciolinguistic semiotic resource”. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 2020, n. 265, pp. 81-105. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/ijsl-2020-2104/html>
- CHUNNU, Winsome. (2020). “Under the eagles wings: America, god shed a tear on thee”. *Cultural Studies*, v. 20, n. 5, pp. 468-470. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1532708619885401>
- CRENSHAW, Kimberlé. (2002). “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, pp. 171-188. [Consult. 13-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>
- DIAS, Eduardo W.; NAVES, Madalena M. L. (2013). *Análise de assunto: teoria e prática*. 2. ed. rev. Brasília, DF, Briquet de Lemos.
- DILLARD, Cynthia B. (2021). “When black is [queen]: towards and endarkened equity and excellence in education”. *Equity & Excellence in Education*, v. 54, n. 1, pp. 19-27. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1080/10665684.2020.1863884>
- DURKHEIM, Émile. (1996). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, Martins Fontes.
- EBERHARDT, Maeve; VDOVIK-MARKOW, Madeline. (2020). “‘I ain’t sorry’: African American English as a strategic resource in Beyoncé’s performative persona”. *Language & Communication*, v. 72, pp. 68-78. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S027153092030029x>
- EDGAR, Amanda N.; TOONE, Ashton. (2019). “‘She invited other people to that space’: audience habitus, place and social justice in Beyoncé’s lemonade”. *Feminist Media Studies*, v. 19, n. 1, pp. 87-101. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1080/14680777.2017.1377276>
- FELDMAN, Margeaux. (2016). “Undutiful daughters: growing up in feminism and psychoanalysis”. *Psychoanalysis, Culture & Society*, v. 21, pp. 232-241. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1057/pcs.2016.4>
- FOUCAULT, Michel. (1988). *História da sexualidade*. 8. ed. Rio de Janeiro, Graal.
- GÁMEZ FUENTES, María José; GÓMEZ NICOLAU, Emma; MASEDA GARCÍA, Rebeca. (2016). “Celebrities, gender-based violence and women’s rights: towards the transformation of the framework of recognition?”. *Revista Latina de Comunicación Social*, v. 71, pp. 833-852. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://nuevaepoca.revistalatinacs.org/index.php/revista/article/view/775/1178>
- GAMMAGE, Marquita. (2017). “Pop culture without culture: examining the public backlash to Beyoncé’s super bowl 50 performance”. *Journal of Black Studies*, v. 48, n. 8, pp. 715-731. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/26574534?seq=1>
- GOMES, Marilise. (2020). “Beyoncé faz 39! Confira as vezes em que a cantora entrou para história da música”. *Purepeople*, [Consult. 10-03-2023]. Disponível em [https://www.purepeople.com.br/noticia/beyonce-iconica-7-provas-que-a-cantora-e-um-fenomeno-da-musica\\_a300700/1](https://www.purepeople.com.br/noticia/beyonce-iconica-7-provas-que-a-cantora-e-um-fenomeno-da-musica_a300700/1)
- GOMES, Nilma L. (2007). *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica.
- GRAHAM-JACKSON, April L.; MOELLER, Robert. (2023). “Black scale: constructing ‘haunted’ overpasses as relational methodologies”. *The Professional Geographer*, v. 75, n. 4, pp. 655-662. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1080/00330124.2022.2134149>
- GRIFFIN, Farah J. (2011). “At last...? Michelle Obama, Beyoncé, race & history”. *Daedalus*, v. 140, n. 1, pp. 131-141. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/25790448?seq=1>

- GRUBER, Elisabeth; KALKBRENNER, Michael T.; HITTER, Tracie L. (2022). "A complex conceptualization of beauty in Latinx women: A mixed methods study". *Body Image*, v. 41, pp. 432-442, 2022.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. (2003). "Como trabalhar com 'raça' em sociologia". *Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 1, pp. 93-10. [Consult. 12-06-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100008>
- HALL, Z. (2017). "The shrews are drunk in love". *Popular Music and Society*, v. 40, n. 2, pp. 151-163. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03007766.2015.1101276>
- HALLIDAY, Aria S. (2020). "Twerk sumn! theorizing black girl epistemology in the body". *Cultural Studies*, v. 34, n. 6, pp. 874-891. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502386.2020.1714688>
- HALLIDAY, Aria S.; BROWN, Nadia E. (2018). "The power of black girl magic anthems: Nicki Minaj, Beyoncé and 'feeling myself' as political empowerment". *Souls*, v. 20, n. 2, pp. 222-238. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10999949.2018.1520067>
- HENRY, Tamara. (2018). "Reimagining religious education for young, black, christian women: womanist resistance in the form of hip-hop". *Religions*, v. 9, n. 409, pp. 1-11. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.mdpi.com/2077-1444/9/12/409>
- HOBSON, Janell. (2018). "Remnants of Venus: signifying black beauty and sexuality". *Women's Studies Quarterly*, v. 46, n. 1-2, pp. 105-120. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/26421165>
- HOPKINS, Susan. (2018). "Girl power-dressing: fashion, feminism and neoliberalism with Beckham, Beyoncé and Trump". *Celebrity Studies*, v. 9, n. 1, pp. 99-104. [Consult. 12-06-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19392397.2017.1346052>
- HUME, David. (2005). *História natural da religião*. São Paulo, UNESP.
- JOHNSON, Amber. (2014). "Confessions of a video vixen: my autocritography of sexuality, desire and memory". *Text and Performance Quarterly*, v. 34, n. 2, pp. 182-200. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10462937.2013.879991>
- KEHRER, Lauron. (2019). "Who slays? Queer resonances in Beyoncé's lemonade". *Popular Music and Society*, v. 42, n. 1, pp. 82-98. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03007766.2019.1555896>
- MARTÍNEZ-JIMÉNEZ, Laura; GÁLVEZ-MUÑOZ, Lina; SOLANO-CABALLERO, Ángela. (2018). "Neoliberalism goes pop and purple: postfeminist empowerment from Beyoncé to Mad Max". *The Journal of Popular Culture*, v. 51, n. 2, pp. 399-420. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jpcu.12671>
- MARTINS, Dana. (2016). "SNL e o dia que descobriram que a Beyoncé é negra (momentos preferidos)". *Conversacult*. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <http://www.conversacult.com.br/2016/02/snl-e-o-dia-que-descobriram-que-beyonce.html>
- MASEMOLA, Michael K.; MAKOE, Pink. (2014). "Musical space as site of transculturation of memory and transformation of consciousness: the re affirmation of Africa in the black Atlantic assemblage". *Muziki*, v. 11, n. 1, pp. 63-70. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/18125980.2014.893095>
- NACKED, Rafaela C. (2012). "Identidades em diáspora: o movimento black no Brasil". *Desenredos*, v. 4, n. 12, pp. 1-11.
- NEAL, Jocelyn R. (2020). "'Tennessee whiskey' and the politics of harmony". *Journal of Popular Music Studies*, v. 32, n. 2, pp. 214-237. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1525/jpms.2020.32.2.214>

- OLUTOLA, Sarah. (2019). “I ain’t sorry: Beyoncé, Serena, and hegemonic hierarchies in lemonade”. *Popular Music and Society*, v. 42, n. 1, pp. 99-117. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03007766.2019.1555897>
- OSIEBE, Garhe. (2021). “Entrepreneurs in brown skins? Performing matter into contemporary black lives”. *Journal of African American Studies*, v. 25, pp. 367-382. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s12111-021-09544-4>
- PELÚCIO, Larissa. (2011). “Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à AIDS”. *Saúde e Sociedade*, v. 20, n. 1, pp. 76-85. [Consult. 22-03-2025]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000100010>
- PEREIRA, Isabela C. (2021). “Beyoncé e a construção da imagem de uma feminista negra”. *Revista Miguel*, Rio de Janeiro, n. 5. [Consult. 13-03-2023]. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/56057/56057.pdf>
- PÉREZ, Elizabeth. (2021). “The black Atlantic metaphysics of Azealia Banks: brujx womanism at the Kongo crossroads”. *Hypatia*, v. 36, n. 3, pp. 519-546. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://philpapers.org/rec/prebta-2>
- QUIJANO, Aníbal. (2005). “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, in Lander, Edgardo. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires, CLACSO, pp. 120-145.
- READ, Barbara. (2011). “Britney, Beyoncé, and me - primary school girls' role models and constructions of the 'popular' girl”. *Gender and Education*, v. 23, n. 1, pp. 1-13. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09540251003674089>
- REIS, Gabriela; CÉSAR, Waldimiro M. T.; ALVES, Elis Regina F. (2023). “Feminismo negro e interseccionalidade em ‘precisamos de novos nomes (2014)’, de Noviolet Bulawayo”. *Em favor da igualdade racial*, v. 6, n. 2, pp. 59-73. [Consult. 18-03-2023]. Disponível em <https://periodicos.ufac.br/index.php/rfir/article/view/6675/4166>
- RODRIGUES, Paula. (2020). “Como Beyoncé se tornou fundamental para o debate sobre identidade negra”. *ECOIA UOL*. [Consult. 13-03-2023]. Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoia/ultimas-noticias/2020/08/05/como-beyonce-se-tornou-fundamental-para-o-debate-sobre-identidade-negra.htm>
- ROGERS, Jamie Ann. (2020). “Diasporic communion and textual exchange in Beyoncé’s lemonade and Julie Dash’s daughters of the dust”. *Black Camera*, v. 11, n. 2, pp. 130-157. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://muse.jhu.edu/article/757004/summary>
- SALZANO, Matheus (2020). “Lemons or lemonade? Beyoncé, killjoy style, and neoliberalism”. *Womens Studies in Communication*, v. 43, n. 1, pp. 45-66. [Consult. 12-06-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07491409.2019.1696434>
- SEBASTIÃO, Ana Angélica. (2010). “Feminismo negro e suas práticas no campo da cultura”. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/as (ABPN)*, v. 1, n. 1, pp. 64-77. [Consult. 12-06-2023]. Disponível em <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/308/286>
- SILVA, Tainan M. G. S. (2017). “O colorismo e suas bases históricas discriminatórias”. *Direito UNIFACS – Debate virtual*, n. 201, pp. 1-19. [Consult. 23-03-2025]. Disponível em <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121>
- SMITH, Christin; COLEMAN, Loren S. (2022). “Ancestor is king: the role of Afrofuturism in Beyoncé’s black is king”. *Critical Studies in Media Communication*, v. 39, n. 4, pp. 247-259. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15295036.2022.2038386>
- UTLEY, Ebony A. (2017). “What does Beyoncé mean to young girls?”. *Journal of Popular Music Studies*, v. 29, n. 2. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jpms.12212>



- VARGAS-TRUJILLO, Elvira. (2007). *Sexualidad... mucho más que sexo: una guía para mantener una sexualidad saludable*. Bogotá, Universidad de los Andes. [Consult. 29-03-2025]. Disponível em <https://repositorio.uniandes.edu.co/server/api/core/bitstreams/dd748df6-e705-4c52-8fe9-94c6762bf994/content>
- WEIDHASE, Nathalie. (2015). “Beyoncé feminism’ and the contestation of the black feminist body”. *Celebrity Studies*, v. 6, n. 1, pp. 128-131. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19392397.2015.1005389>
- WELANG, Nahum. (2021). “The death and resurrection of Oshun in Beyoncé’s lemonade: subverting the institutionalized borders of western Christian thought in American popular culture”. *The Journal of Popular Culture*, v. 54, n. 4, pp. 750-770. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jpcu.13050>
- WIEDLACK, Katharina. (2019). “In/visibly different: Melania Trump and the othering of Eastern European women in US culture”. *Feminist Media Studies*, v. 19, n. 8, pp. 1063-1078. [Consult. 12-06-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14680777.2018.1546205>
- WILLIAMS, Sherri. (2020). “The black digital syllabus movement: the fusion of academia, activism and arts”. *Howard Journal of Communications*, v. 31, n. 5, pp. 493-508. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10646175.2020.1743393>
- WINFREY, Maya; STINSON, Elizabeth. (2016). “Pulses from the multitude: virtuosity and black feminist discourse”. *Women & Performance: a Journal of Feminist Theory*, v. 26, n. 2-3, pp. 208-221. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0740770X.2016.1232885>
- YELIN, Hannah; PAULE, Michele. (2021). “‘The best thing about having Meghan join the royal family is that she actually has black in her’: girls making meaning around Meghan Markle, the monarchy and meritocracy”. *Women’s Studies International Forum*, v. 86, pp. 1-8. [Consult. 22-03-2023]. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0277539521000200>

### Leandro da Conceição Borges

 <https://orcid.org/0000-0003-0222-3040>  
 <http://lattes.cnpq.br/3138894395840081>

Doutor em Gestão e Organização do Conhecimento pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é bibliotecário-documentalista pela Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [leandrocb@ufmg.br](mailto:leandrocb@ufmg.br)

### Paulo Melgaço da Silva Junior

 <https://orcid.org/0000-0002-4301-9305>  
 <http://lattes.cnpq.br/8573001420943301>

Pós-doutor e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor na Escola Estadual de Dança Maria Olenewa (pertencente ao Theatro Municipal do Rio de Janeiro) e professor no Programa de Pós-graduação em Ensino das Artes Cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [pmelgaco@uol.com.br](mailto:pmelgaco@uol.com.br)